

## O GAÚCHO COMO FERRAMENTA POLÍTICA E SOCIAL: O SEQUESTRO DO INDÔMITO NÔMADE

THE GAÚCHO AS A POLITICAL AND SOCIAL TOOL: THE KIDNAPPING OF THE INDOMITABLE NOMAD

EL GAÚCHO COMO HERRAMIENTA POLÍTICA Y SOCIAL: EL SECUESTRO DEL NÓMADA INDOMABLE

Leandro Daniel Trindade Morais - leandrotrindade@mx2.unisc.br

Submissão em: 11/01/2025

Aceito em: 05/04/2025

### RESUMO

Este artigo objetiva analisar como uma figura humana pobre e marginalizada foi alçada a grande símbolo de um estado brasileiro e como suas características, índole e costumes foram moldados de acordo com seu tempo histórico e, acima de tudo, dentro de uma série de interesses políticos e sociais para a consolidação de determinados grupos e atividades econômicas.

**Palavras-chave:** Gaúcho, sul-rio-grandense, agronegócio, MTG, sesmaria, imprensa regional

### ABSTRACT

This article aims to analyze how a poor and marginalized human figure was elevated to a great symbol of a Brazilian state and how their characteristics, disposition, and customs were shaped according to their historical time and, above all, within a series of political and social interests for the consolidation of certain groups and economic activities.

**Keywords:** Gaúcho, sul-rio-grandense, agribusiness, MTG, sesmaria, regional press

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar cómo una figura humana pobre y marginada fue elevada a un gran símbolo de un estado brasileño y cómo sus características, disposición y costumbres fueron moldeadas de acuerdo con su tiempo histórico y, sobre todo, dentro de una serie de intereses políticos y sociales para la consolidación de ciertos grupos y actividades económicas.

**Palabras clave:** Gaúcho, sul-rio-grandense, agronegocio, MTG, sesmaria, prensa regional

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil quando o termo “gaúcho” é referido em qualquer parte do território o imaginário popular imediatamente remete aos habitantes do estado do Rio Grande do Sul e a seus mais basais estereótipos; pele branca, comportamento sisudo, vestes características e seus ditos costumes. Entretanto, voltássemos no tempo ao Século XVIII, as impressões daqueles que ouvissem falar do termo em espanhol “*gaucho*” ou em português “gaúcho” seriam completamente diferentes.

O processo de ocupação do território sul-rio-grandense ocorre a partir da ocupação espanhola da América, todavia, a ocupação inicial foi rarefeita e espontânea,

sem ação da Coroa Espanhola. Já nos territórios dos atuais países hispânicos da América este processo foi mais intenso desde o início.

Em 1537 Assunção foi fundada como um forte militar por Juan de Ayolas, dentre os homens selecionados para ocupar a zona estavam, primordialmente, andaluzes mestiços, espanhóis de origem berbere, árabe e espanhola os quais não eram bem quistos no Império de Carlos I (Carlos V no Sacro Império Romano Germânico).

Conforme Oliven (1992) a convivência destes homens com os povos nativos deu origem a uma população mestiça local, estes foram denominados de Mancebos, uma palavra para “mestiço”, pois eram jovens filhos de índias e espanhóis cristãos novos. Tais mancebos fizeram uma série de revoltas demandando direitos políticos, inclusive o direito de usar armas de fogo, o qual não tinham. Ademais, pediam ao governo de Assunção o direito à propriedade da terra de seus pais e participação na política local.

Em 1573 um grupo de cerca de nove espanhóis e setenta mancebos e suas esposas indígenas abandonaram Assunção e foram ao sul, onde fundaram uma nova cidade; Santa Fe, sob a liderança do basco Juan de Garay. Em 1580, a governação de Tucumán demanda a destituição dos mancebos dos cargos de governança, o que gerou um conflito entre espanhóis e os nativos mancebos e seus filhos (*Criollos*) que termina com a expulsão de boa parte dos mancebos de suas terras.

Os descendentes destes mancebos dariam origem a um tipo humano desprovido de terras, mestiço, que incorporava costumes e vestimentas indígenas (Chiripá, chimarrão/mate, rebenque, laço, montaria charrua, boleadeiras e pala/poncho), de origem árabe/berbere (Alpargata, bombacha, lenço, facão e alabarda) e espanhóis (Boina, de origem basca, guaiaca e botas).

A incorporação de uma série de costumes indígenas ao trabalho no campo, conflitos bélicos e pecuária foram incorporados a este tipo humano nômade, o qual seria denominado posteriormente de “gaúcho”, um termo tão diverso em possíveis significados e origens que torna desnecessário discuti-lo aqui. O certo é que as versões têm origem especialmente basca, árabe e indígena, tal qual o próprio tipo humano e os significados são ligados a atividade de montaria, pecuária e ao nomadismo.

Tal grupo humano passa a ser mais relatado nas fontes históricas a partir da introdução do gado pelos jesuítas e espanhóis no pampa; de acordo com Guedes (2009) estes executavam o “*changuear*”, o abate do gado para a retirada do couro e o sebo e posterior troca com portugueses e espanhóis abastados por tabaco, erva-mate, arroz e outros itens essenciais para sua sobrevivência. Os primeiros registros de *changuecedores* são de 1728 na Banda Oriental, hoje Uruguai, já o termo *gaucho* para estes homens aparece pela primeira vez em 1771 em Maldonado, também no Uruguai em um documento oficial relatando os malefícios da existência deste tipo humano bravo.

Dentro dos contextos Uruguaios, Argentinos e Sul-rio-grandenses, os gaúchos/gaúchos passam de serem vistos como “seres inferiores” a serem eliminados por não se adaptarem às novas dinâmicas de trabalho capitalistas e o modo de vida europeu, a serem tidos como heróis e baluartes das identidades locais como alteridade ao europeu. Tal processo na Argentina ocorre pela via literária e bélica, pois as nações sul-americanas, até depois de suas independências, não tinham exércitos regulares e, os únicos homens aptos para a luta eram os gaúchos, os quais foram decisivos em todas as guerras de independência, separatismo e federalistas versus unitaristas da Argentina e Uruguai.

A milícia Nacional dos Gauchos de Güemes foi absolutamente decisiva na Guerra de Independência Argentina, bem como os Gauchos de Juan Manuel de Rosas nas guerras civis argentinas. Lugones (1905) relatou que, após tais conflitos, muitos destes gaúchos tornaram-se proprietários de terra e políticos importantes, levando a cultura nômade para as atividades da estância.

Na literatura obras como *El Gaucho Martín Fierro* de José Hernández consolidaram o “gaúcho” como figura símbolo da nação argentina, neste mesmo contexto o gaúcho foi no Rio Grande do Sul figura decisiva nas guerras de fronteira por muito tempo, além de haver sido importantíssimo na Guerra do Paraguai, na qual um gaúcho de Bagé foi responsável pela morte de Francisco Solano López e, por tal feito, recebeu uma estância em Bagé. A Guerra dos Farrapos, apesar de haver sido realizada por interesses de uma classe pecuária dominante, teve participação bélica majoritária de gaúchos, os quais também carregavam consigo uma herança cultural “gaúcha”.

No entanto, o processo histórico por si só não explica a relação da população contemporânea do Rio Grande do Sul para com tal figura formadora de boa parte de seu território e agente de transformações. Pois, como bem se sabe, instituições diversas e o poder público têm interesse em lançar mão da história, torná-la mítica e criar regramentos para a cultura, reinventando e ressignificando as vestes e costumes como simbologias de um passado também reinventado.

O indômito, nômade e mestiço *gaucho*/gaúcho que lutava contra os poderes centrais, que se negava a adaptar-se ao modo de vida pecuarista, agrário e sedentário dos europeus e que simbolizava, em muitos aspectos, resistência, seria cooptado pelo discurso, pela política e pela história, na figura das elites agropecuárias, para outras funções cada vez mais distantes de sua origem.

## 2 CULTURA E TRADIÇÃO

A organização da sociedade moderna tardia está profundamente associada ao uso da cultura tal qual enfatiza Stuart Hall (1997), assim, os discursos que circulam no circuito cultural são determinantes para a consolidação de comportamentos e de relações sociais. Bem outrora o gaúcho fora um ser nômade e mestiço que vagava pelo bioma pampa em toda sua extensão vivendo de atividades ilegais; o discurso e a conveniência o transformariam rapidamente em um baluarte da defesa da ordem e da propriedade privada.

Não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural (HALL, 1997, p. 20)

O surgimento dos movimentos separatistas das Américas Espanhola e Portuguesa sempre estiveram fortemente ligados aos anseios tributários e econômicos das elites escravistas agroexportadoras de commodities, fomentadas por ideais europeus em prol da consolidação de uma democracia republicana burguesa, na qual aqueles teriam acesso real ao poder, o que lhes era negado em sua totalidade pela presença das autoridades monárquicas. Assim, do advento das Guerras Napoleônicas e da necessidade de autodefesa das Monarquias Europeias, houve o enfraquecimento das forças militares pró-regime nas colônias americanas.

Ainda assim, milícias civis pobremente armadas, constituídas principalmente por escravos pouco eram capazes de dar conta dos exércitos coloniais restantes

naquele momento. Por tal, os gaúchos, figuras outrora alvo de enorme desprezo e até de campanhas de extermínio pelas lideranças do Vice-Reino Espanhol do Rio da Prata vieram a calhar por seu conhecimento do terreno, manuseio constante de armas brancas, conhecimento de montaria e de luta corpo a corpo.

Dentre os conflitos lutados pelas tropas “gaúchas” no atual território argentino destaca-se a Guerra Gaúcha lutada entre 1814 e 1825, na qual os batalhões gaúchos derrotaram as tropas realistas diversas vezes, consolidando o domínio dos “patriotas” argentinos nas intendências de Salta e Tucumán e bolivianos na intendência de Tarija.

Entretanto, é importante ressaltar que o estabelecimento de novos territórios independentes das outrora metrópoles europeias não alterou o paradigma social, pelo contrário, fixou uma elite agrária local com latifúndios gigantescos, mão-de-obra escrava e repasse das sesmarias, terras outrora cedidas por empréstimo pelas coroas europeias, para oligarcas e caudilhos militares regionais. Alimentando uma desigualdade social enorme e limitando o deslocamento de indígenas e gaúchos, mesmo aqueles que lutaram as guerras de independência e não puderam obter propriedades privadas.

Ao mesmo tempo, gaúchos que obtiveram terras por seu serviço militar, levariam parte de seus costumes, vivências e saberes para a propriedade privada, dando início a uma elite agrária que sentia-se gaúcha, ainda que, muitas vezes, fosse esta responsável por matar e perseguir os gaúchos nômades ainda existentes, os quais tornavam-se, cada vez mais, um problema para uma sociedade voltada para a produção agropecuária pré-capitalista na qual o roubo de gado e a livre circulação já não eram aceitáveis. É válido citar figuras como Bento Gonçalves e José Gervasio Artigas, figuras históricas marcantes para Rio Grande do Sul e Uruguai, respectivamente. Os quais tiveram origem “gaúcha”, mas que, em diversos momentos de suas vidas, perseguiram as populações nômades gaúchas restantes, exterminando-as sistematicamente.

No Rio Grande do Sul a cessão de sesmarias para militares de origem gaúcha também foi uma prática recorrente. A presença de rebanhos formados a partir do gado que outrora habitava as reduções jesuíticas espanholas fora essencial para o interesse nestas terras, já que as vacarias formadas por tais animais foram os maiores rebanhos bovinos do mundo até a anexação estadunidense do território mexicano do Texas. Com o advento da mineração no território de Minas Gerais, estes proprietários de terras passaram a vender carne para a alimentação dos escravos mineiros e de áreas adjacentes. Tal atividade levaria a um grande acúmulo de capital e a fixação de uma elite pecuarista poderosa, além do aumento de aglomerações urbanas em seus entornos, os quais serviriam para dar vazão as demandas das charqueadas, seus escravos, peões e famílias proprietárias.

Quase toda atividade pecuária no Rio Grande do Sul ocorria na metade sul, na qual o bioma pampa facilitava não somente a alimentação do gado por ser formado essencialmente por gramíneas, mas também por seu relevo pouco acidentado no qual a observação, cercamento e laço do gado. Paulatinamente tal elite pecuarista chegaria ao poder político regional e influenciaria diretamente, também, a política nacional.

As famílias dos outrora “gaúchos” seriam alavancadas a posições de grande poder a partir de relações de negócios e favores militares. Exemplificando o sucesso destes empreendimentos políticos desta elite pecuarista “gaúcha” é possível citar alguns números; conforme Jonas Vargas (2011) 34 pessoas oriundas da elite pecuarista herdeira de sesmarias chegaram a cargos políticos entre 1868 e 1889, algumas estando em dois ou mais destes em distintos momentos; sendo oito senadores, 12 ministros e 22 deputados gerais. Dentre os principais é possível citar Gaspar

Silveira Martins, outrora reconhecido como líder maragato, defensor ferrenho dos interesses dos pecuaristas do Rio Grande do Sul em todos os âmbitos e Manuel Luís Osório. O Marquês do Herval.

Os ministros de Estado eram os agentes do Poder Executivo Imperial. Antes de 1847, o Imperador os escolhia livremente, e após esta data, ele passou a indicar somente o presidente do Conselho de Ministros, que, por sua vez, distribuía as pastas aos seus correligionários. Até 1861, as pastas ministeriais eram as seguintes: Guerra, Marinha, Justiça, Fazenda, Negócios Estrangeiros e Império. Após esta data, somaram-se a Agricultura, Comércio e Obras Públicas. O número de rio-grandenses a ocuparem algum ministério durante o período estudado foi de oito políticos. Assim como o Conselho de Estado, o Senado era uma das instituições mais conservadoras e elitistas do regime monárquico brasileiro. Primeiro, porque o mandato era vitalício e reunia os líderes políticos mais experientes da época. Segundo, porque eram escolhidos pelo imperador a partir de uma lista tripla sufragada pelos eleitores provinciais. Cada província possuía uma representação proporcional à sua população. Ao Rio Grande do Sul eram reservadas três cadeiras. Apenas para comparação, Minas Gerais possuía 10 senadores, Bahia e Pernambuco possuíam seis cada, São Paulo e Ceará quatro e o Rio de Janeiro três. Entre 1868 e 1889, o Rio Grande do Sul teve oito senadores. Os deputados gerais exerciam mandatos de quatro anos, mas como em várias ocasiões as Câmaras foram dissolvidas, muitos não completaram sua legislatura. Para tornar-se um deputado geral, o candidato não dependia de uma seleção tão rigorosa quanto um senador, ministro ou conselheiro de Estado. Sua entrada neste círculo restrito dava-se depois de meses de negociações nos seus distritos eleitorais e era consagrada após uma vitória em pleitos bastante disputados. O RS tinha direito a seis cadeiras por legislatura e teve 29 deputados gerais durante o período analisado. (VARGAS, J, 2011, p. 30).

Por conseguinte, neste período, o nome “gaúcho” passava a ter uma nova verdade epistemológica, deixando de representar um “fora da lei” mestiço ou essencialmente indígena para identificar membros da classe política e econômica dominante; homens de grande poder e “índole inquestionável”. Tal processo ocorreu de forma concomitante na Argentina, onde o autor do livro *El Gaucho Martín Fierro* escreveria a obra sequencial chamada “*La Vuelta de Martín Fierro*”, na qual o personagem, outrora oprimido pelas autoridades por sua origem e questionador destas acaba por estabelecer-se em uma propriedade privada, sujeito às normas do capitalismo agropecuário e satisfeito com sua nova condição. Reinventando, assim, a identidade do gaúcho e sua simbologia.

Desde então, com o auxílio de instituições ligas à cultura e à imprensa, o gaúcho passou de um mestiço por excelência, desrespeitador das normas a um grande conservador da ordem e protetor da propriedade, bem como passara a ser associado ao machismo, ao patriarcado e à opressão das minorias ou daqueles que, estando no Rio Grande do Sul, não se enquadram como “verdadeiros gaúchos”.

Os próprios escritos de Stuart Hall (1997) dão conta de que a tradição busca fazer a imposição de certos comportamentos e valores que não de ser esperados daquela população específica, dado seu “passado glorioso”, o qual demanda o cumprimento estrito destes.

### 3 A IMIGRAÇÃO EUROPEIA, O AGRONEGÓCIO E O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO



Por algumas décadas o centro político e econômico do estado do Rio Grande do Sul esteve no oeste e sul, nas grandes propriedades e na criação de gado, o que fixou um modo de vida, um orgulho de fazer parte de determinada classe, vestir suas roupas características repetir seus costumes.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho surge a partir de 1889 no chamado Grêmio Gaúcho, constituindo-se no decorrer das décadas como instituição de cunho estatal (1966) responsável por ditar as regras da cultura gaúcha; desde as vestimentas adequadas e permitidas, as canções, danças e comportamentos do gaúcho.

Tal instituição referendou, desde seus princípios, boa parte das demandas e interesses da classe pecuarista gaúcha, garantindo a fixação no imaginário sul-rio-grandense de um gaúcho corajoso, másculo e respeitador das leis e da ordem.

Uma das grandes razões para que a classe pecuarista dominante buscasse a imposição da identidade que esta forjaria a partir de resquícios dos outrora costumes do gaúcho nômade e indígena foi o surgimento de um “Rio Grande do Sul” oposto a partir do advento das imigrações da Europa Central e Península Itálica para o norte, serra e partes do centro sul-rio-grandense. Tal modelo ia de encontro à economia de um só produto (Gado) da elite gaúcha rio-grandense; se o advento das charqueadas permitiu o aproveitamento de um produto até então sem valor, também fez da economia local muito frágil ante a concorrência de outros mercados, basta rememorar a Guerra dos Farrapos (1835-1845), a qual ocorreu, essencialmente, por questões tributárias que incomodavam os pecuários gaúchos, além da Guerra do Paraguai, conflito que tem início com a reivindicação dos gaúchos sul-rio-grandenses em prol da manutenção de suas terras no Uruguai, levando à intervenção brasileira no país vizinho.

Ademais, a ocupação humana no Rio Grande do Sul estava altamente concentrada na Metade sul em torno das atividades agropecuárias locais, o que causava certo incômodo e incerteza junto do Império Brasileiro, o qual, para sanar tais problemas buscou imigrantes da Confederação do Reno, Império Austríaco e Prússia, territórios da Europa Central majoritariamente povoados por povos germânicos os quais viviam ainda sob uma lógica semifeudal, assim, o interesse destes grupos humanos em acessar a propriedade privada foi imenso e intenso. Logo os germânicos ocuparam as encostas inferiores do planalto norte-rio-grandenses com propriedades pequenas e alguns insumos para os primeiros que chegaram, entre as primeiras colônias estiveram São Leopoldo e Santa Cruz do Sul, após o esgotamento do interesse da vinda de germânicos no contexto da formação do Império Alemão em 1871 sob a liderança da Prússia, o Império Brasileiro buscou imigrantes europeus da Península Itálica os quais passaram a ocupar a parte superior do relevo do planalto meridional, dedicando-se a diversas atividades, inclusive a produção de uva e queijos artesanais.

O surgimento de pequenas agroindústrias nas pequenas propriedades de imigrantes e seus descendentes fomentou uma enorme distinção entre o “Rio Grande do Sul Gaúcho” e o “Rio Grande do Sul Europeu. Aos poucos o capital industrial foi impondo sua hegemonia sobre boa parte dos territórios, especialmente no encerramento da República Velha (1930), com o Estado criando mecanismos favoráveis para uma economia ampla de mercado nacional, a qual foi mais facilmente acessada pelas propriedades das colônias europeias a partir de sua localização próxima de rios que desembocam em Porto Alegre a qual, muito devido a este processo, substituiria Pelotas, símbolo da elite pecuária gaúcha, como capital.

A partir daí toda a mercadoria das agroindústrias coloniais chegava até a capital sul-rio-grandense e ao Porto de Rio Grande para exportação ou venda para grandes centros brasileiros.

Determinados ramos comerciais, industriais e mesmo agrícolas perdem posição ou desaparecem diante da maior capacidade de competição de outros situados fora do Rio Grande do Sul. As regiões ou municípios do Estado que se sediavam essas atividades veem-se diante da perspectiva de estagnação e mesmo de retrocesso”. Apenas as atividades econômicas que tiveram melhores condições de desenvolvimento, principalmente as atividades industriais que se situavam na região metropolitana e no eixo Porto Alegre/Caxias do Sul, lograram sucesso neste processo de concorrência da economia nacional (ANDREOLI, 1989, p. 105).

A questão da densidade demográfica por si só já foi bastante relevante para a consolidação da “Metade Norte” ante a “Metade Sul”, pois a primeira dispunha de mercados maiores, os quais demandaram maior diversificação produtiva, demandando, assim, maior mão-de-obra, além de profissionais qualificados, o que gerou, também, um enorme êxodo das populações urbanas da Metade Sul, as quais não mais tinham perspectivas de emprego em relação à atividade econômica majoritária local e tinham de lutar fervorosamente por postos de trabalho do setor terciário nos reduzidos aglomerados urbanos da região. Outrossim, a Metade Norte foi capaz de produzir, industrialmente, produtos que antes eram artesanais, o que não foi possível na Metade Sul e, por fim, a ausência de estruturas logísticas, redes e ambientes manufatureiros anteriores na Metade Sul foram fatores determinantes para a falta de interesse da indústria em geral, que preferia os aglomerados em torno de Porto Alegre, Caxias, Santa Cruz do Sul e outros municípios.

O surgimento desta competição acabou por ferir o orgulho das elites pecuaristas gaúchas, fazendo com que estes buscassem exaltar sua identidade junto das instituições nas quais exerciam influência e os feitos de seus antepassados nos conflitos de demarcação de fronteiras, bem como na Guerra do Paraguai e na “Revolução” Farroupilha, a qual simbolizaria o caráter glorioso, másculo e intransigente do gaúcho oriundo da Metade Sul e das grandes propriedades.

Para tal o Movimento Tradicionalista Gaúcho foi de suma importância, pois consolidaria junto das instituições públicas, especialmente as de ensino, uma representação do gaúcho atrelada aos proprietários de terra que expunha sua grandeza e suas qualidades como representantes de todos os habitantes do território sul-rio-grandense.

Dentre os grandes agentes da criação da nova identidade sul-rio-grandense esteve o jornalista, médico e político Ramiro Barcellos. Sendo que o mesmo escrevera “O que agora se verifica, mercê do atual movimento tradicionalista, é a transposição simbólica dos remanescentes dos ‘grupos locais’, com suas estâncias e seus galpões para o coração das cidades. Transposição simbólica, mas que fará sobreviver, na mais singular aculturação de todos os tempos, o Rio Grande latifundiário e pecuarista”. (Barcelos, 1915). Nesta citação fica óbvio o objetivo político e social do tradicionalismo criado pela sociedade pecuarista gaúcha; a exaltação de seu modo de vida e proteção do mesmo.

O culto da “Revolução” Farroupilha surgiria justamente dentro de ramos institucionais do Movimento Tradicionalista Gaúcho; os Centros de Tradições Gaúchas; desconsiderando, assim, o caráter agrário e elitista de tal conflito por parte dos Farrapos, os quais jamais buscaram alterar as estruturas sociais ou mesmo modificar o tipo de economia existente no território. Após a Segunda Guerra Mundial

os líderes dos principais Centros de Tradições Gaúchas de Porto Alegre passaram a adotar a Guerra dos Farrapos como ponto histórico basal do gaúcho e do território estadual, suprimindo, assim, o papel dos escravos, das mulheres e dos imigrantes em geral, além de omitir o fato de que boa parte das tropas farrapas eram formadas por escravos negros e gaúchos de fenótipo fortemente indígena que não estavam enquadrados no novo arquétipo de gaúcho mais caucasiano.

Além do surgimento de uma nova realidade social e política no Rio Grande do Sul com os imigrantes e seus descendentes, a ascensão do Castilhismo ao poder no estado, suprimindo boa parte dos poderes locais dos pecuaristas ao instituir o aparato público, inclusive os concursos, foi derradeira para que se estabelecesse o “gaúcho proprietário” como figura ideológica e heroica para com a população sul-rio-grandense. Neste processo o Rio Grande do Sul passaria por dois enormes conflitos armados com um enorme número de mortes; a “Revolução Federalista” ou Revolta da Degola, na qual os pecuaristas insatisfeitos pela redução de seu poder pelo então presidente do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, buscaram pela via bélica recuperar suas benesses e descentralizar a política sul-rio-grandense.

Como uma espécie de continuação deste conflito em 1923 uma nova revolta envolvendo os mesmos setores da sociedade; conservadores (Maragatos ou Assissistas), os quais utilizavam lenços vermelhos em suas fardas, de encontro aos Liberais, Ximangos ou Borgistas, os quais ostentavam lenços brancos. A denominação “maragato” aplicou-se aos conservadores revoltosos nos dois conflitos, tendo sido originada no gentílico da “Maragatería”, região da Espanha da qual eram oriundos muitos mercenários uruguaios que lutaram junto aos pecuaristas gaúchos.

Neste processo justamente o termo “maragato” ganhou caráter de heroico e representante do povo do Rio Grande do Sul junto aos setores da cultura ligados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), fazendo com que, até hoje, cidadãos que por vezes sequer conhecem a história detalhadamente, ostentem lenços vermelhos (maragatos) e orgulhem-se disto por sentirem que estão ‘honrando a tradição gaúcha’.

Eric Hobsbawn fala em A Invenção das Tradições (2012) que grandes mudanças sociais ou políticas acabam demandando a reinvenção das tradições e dos costumes, tal qual ocorrera no Rio Grande do Sul. E, no caso gaúcho, tais representações vão muito mais profundamente do que meramente vestes e costumes. Vestir um lenço vermelho é defender uma ideia conservadora de gaúcho, de Rio Grande do Sul e de modo de vida; os trajes estabelecidos junto das diretrizes do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e fiscalizadas nos Centros de Tradições Gaúchas (CTG’s) espalhados por todo Rio Grande do Sul e Brasil reivindicam pensamentos políticos e sociais e ajudam a encobrir eventos e realidades históricas e humanas.

Posteriormente o processo de aculturação do povo sul-rio-grandense para com o “gaúcho pecuarista” levaria, inclusive, à oficialização do termo “gaúcho” como gentílico para quem nasce no território. Posteriormente este movimento seria de suma relevância para a política brasileira, haja vista que os descendentes de italianos e alemães instalados nas colônias do norte sul-rio-grandense passariam a ocupar novos territórios no oeste dos estados catarinense e paranaense, bem como largas porções do centro-oeste brasileiro e outros do norte e nordeste. Os governos militares fomentariam fortemente esta migração sulista em direção aos territórios pouco ocupados do centro-oeste, Norte e nordeste, visando não apenas a devida “anexação” dos territórios para com a dinâmica econômica nacional, mas idem o estabelecimento de uma nova fronteira agrícola. A qual acabaria por inserir-se dentro do aparato de insumos agrícolas, tecnologia e agrotóxicos da chamada “Revolução Verde”.



A ampla maioria das terras ocupadas no centro-oeste pelos “gaúchos” foram enormes latifúndios, muitas vezes pela via da grilagem, expulsão de indígenas e de populações locais, com financiamentos amplamente favoráveis a seus empreendimentos junto das instituições bancárias Estatais, buscando o estabelecimento de um novo grande setor de commodities nacional; o qual teria enorme sucesso econômico; a soja.

A ausência de conexão afetiva dos “gaúchos” do centro-oeste e das novas fronteiras agrícolas como o MaToPiBa (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia) fez com que tais elites agroexportadoras mantivessem proximidade entre elas bem como ligadas culturalmente ao Rio Grande do Sul, ainda que, curiosamente, a esmagadora maioria destas pessoas tivessem origens itálicas e germânicas, não gaúchas (Ligadas aos indígenas, espanhóis, lusitanos e mestiços). Para fortalecer tal ligação os estados das novas fronteiras agrícolas receberam muitos Centros de Tradições Gaúchas (CTG’s) e apoio operacional do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Apenas no Mato Grosso existem 32 CTG’s ativos, além de 19 em Goiás e 12 no Pará. Tais instituições recebem eventos e concertos constantes, nos quais os artistas “gaúchos” consagrados tocam para enormes multidões de “gaúchos” que podem jamais haver estado no Rio Grande do Sul.

A constituição de uma nova rede de instituições tradicionalistas gaúchas junto aos grandes proprietários agroexportadores ligados ao Rio Grande do Sul acabou por fomentar ainda mais o caráter conservador do Movimento Tradicionalista Gaúcho, haja vista que nas eleições presidenciais de 2018 e 2022 o candidato da direita conservadora Jair Bolsonaro obteve ampla vitória nos municípios de maior presença de “gaúchos” no Centro-Oeste e Matopiba, bem como houve grande apoio do setor agroexportador destas regiões para aquele candidato.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fabulação histórica e cultural de um gaúcho heroico e europeizado aportou constituiu-se em um importante aparato político no Rio Grande do Sul e em regiões nas quais as populações ligadas ao Rio Grande do Sul pela via familiar têm presença relevante. Contudo, é preciso sempre retomar a origem étnica e histórica empírica do gaúcho; um tipo humano mestiço e marginalizado, sem qualquer lugar dentro da sociedade e no trabalho.

Ao que parece os movimentos políticos não conservadores optaram por descartar o gaúcho como figura política, deixando-o para setores reacionários ou retrógrados da sociedade, legando inclusive, para todos nascidos no Rio Grande do Sul estereótipos negativos deste processo; como o racismo, o machismo, o atraso tecnológico, a falta de senso crítico, entre outros. Todavia, quando buscamos dentro da própria cultura gaúcha encontramos exemplos de músicos, canções obras literárias que justamente exaltam o gaúcho pobre e questionador da ordem. Um tipo humano que luta por seus direitos e por dignidade, como na obra do músico Cenair Maicá “Da terra nasceram gritos”, na qual ele canta:

Entretanto, bem ou mal, não me emociono com os que combatem as verdades do meu canto, sem ter direito de comer nem o que planto; eu só não entendo é tanta terra e pouco dono (MAICÁ, 1988)

Ou da canção “América Latina” do cantor Dante Ramon Ledesma a qual cita:

Da mão do índio explorado, aniquilado, ao camponês, mãos calejadas e sem-terra. Do peão rude que humilde anda changueando e dos jovens que sem saber morrem nas guerras (LEDESMA, 2002).

Além destas muitas outras canções das obras de artistas como Jayme Caetano Braun, Leopoldo Rassier, Bagre Fagundes e Leonel Gomez costumam rememorar a exaltar a origem mestiça e humilde do gaúcho, além de suas mazelas sociais, porém, o senso comum junto da imprensa regional hegemônica representada por grupos como a Rede Brasil Sul de Televisão (RBSTV), Rádio Guaíba, entre outros dão preferência ao estereótipo branco e conservador do gaúcho que surgira nas sesmarias e estâncias de charque na qual trabalhavam os escravos. Talvez seja o momento da literatura, a academia e as instituições de ensino resgatarem a verdadeira identidade do gaúcho e, por conseguinte, dotar de novos significados; críticos, rebeldes e indômito como outrora foi esta figura humana no Rio Grande do Sul, diminuindo a importância das vestes e costumes, mas ampliando a relevância da origem, do pertencimento e da busca por dignidade a partir de conhecer melhor a si mesmo, suas origens e significados implícitos por detrás dos usos da cultura e da tradição.

## REFERÊNCIAS

- ANDREOLI, Dejalme. As desigualdades regionais do Rio Grande do Sul. In: **Indicadores FEE**, v.17, n.2, Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1989.
- ASSUNÇÃO, F. **Historia del Gaucho**. Buenos Aires : Claridad , 1999.
- BOURDIEU, P. **Travail et travailleurs en Algérie**. Paris: Mouton, 1963.
- ENGEVIX. **Plano de reestruturação econômica para a Metade Sul do Rio Grande do Sul** – Relatório final. Engevix Engenharia s/c Ltda.1997.
- FEIL, C. **A invenção do gaúcho e a maldição conservadora do Rio Grande do Sul**. Diário Gauche. Disponível em: <https://diariogauche.blogspot.com/2012/09/a-invencao-do-gaucha-e-maldicao.html>. Acesso em: 22 de set. de 2024.
- FRAQUELLI, A. A lavoura capitalista do arroz e a crise de 1926. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. **RS: economia & política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- GUEDES, Berenice Lagos. O Mito do Gaúcho e suas repercussões na História da Educação do Rio Grande do Sul. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 2, n. 2, 2022. DOI: 10.20952/revtee.v0i0.2203. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/2203>. Acesso em: 2 jan. 2025.
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Porto Alegre: Educação e Realidade, UFRGS, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em 2 jan. 2025.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEINZ, F. (Org). **História Social de Elites**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A Invenção das Tradições**. 12<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

ILHA, A. S.; ALVES, F. D.; SARAIVA, L. H. B. Desigualdades regionais no Rio Grande do Sul: o caso da metade sul. In: encontro de economia gaúcha, 1, 2002. **Anais**. Porto Alegre. FEE, 2002.

KRAEMER, A. **Quantidade de CTGS/Piquetes do Brasil**. Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha. 2019. Disponível em: <https://www.cbtg.com.br/noticia/imprensa-e-relacoes-publicas/quantidade-de-ctgspiquetes-no-brasil/18/498/#:~:text=CBTG&text=Conforme%20dados%20atualizados%2C%20no%20Brasil,e%204.031%20Piquetes%2D%20Entidades%20Similares>. Acesso em: 22 de set. de 2024.

LUGONES, L. **La Guerra Gaucha**. [S. l.]: Cien del Mundo, 1905.

MORAES, M. L. B. Stuart Hall: cultura, identidade e representação. **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 167–172, 2019. DOI: 10.15536/reducarmais.3.2019.167-172.1482. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1482>. Acesso em: 2 jan. 2025.

OLIVEN, R.G. A polêmica identidade gaúcha. **Cadernos de Antropologia**. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS. Porto Alegre, n.4, 1992.

PADOIN, Maria. **Federalismo Gaúcho**: Fronteira Platina. Direito e Revolução. Rio de Janeiro, 2001.

RITZEL, R. **As Cinco Tumbas de Gumersindo Saraiva e outras histórias de guerras gaúchas**. Martins Livreiro Editora. Porto Alegre, 2021.

VARGAS, J.; SACCOL, T. P. Pai monarquista, filho republicano: propaganda republicana, eleições e relações familiares apartu da trajetória de Joaquim Francisco de Assis Brasil (1877-1889). In: **Anais da VIII Mostra de Pesquisa do APERS**: produzindo História apartu de fontes primárias. Porto Alegre: Corag/ APERS, 201,0. p. 225-249.